



MEMÓRIA E CIDADE: HISTORICIDADE DIGITAL NO PROJETO *ARQUIVÃO NIKITY*

Marcella Karoline Belo Rodrigues

Neste trabalho, apresentamos o projeto *Arquivão Nikity*: ressignificando o espaço urbano para estudantes”, desenvolvido pela Universidade Federal Fluminense em parceria com a Prefeitura de Niterói. Trata-se de um aplicativo de realidade aumentada desenvolvido com o objetivo de apresentar aos estudantes do Ensino Fundamental II, na forma de um game, um novo olhar sobre a cidade. O Arquivão Nikity funcionará por meio do uso da tecnologia de realidade aumentada, de modo que os estudantes possam ter acesso ao espaço urbano não só a partir das textualidades apresentadas no aplicativo mas também a partir da própria vivência e exploração da cidade, experiência possibilitada pelo aplicativo através de seu funcionamento por GPS. Uma vez que a produção dos dados que alimentarão o aplicativo, as textualidades, são produzidas a partir de gestos de interpretação motivados pelos preceitos da Análise do Discurso, a tecnologia será compreendida não como uma ferramenta secundária de conhecimento, mas como um meio de acesso às informações e saberes produzidos ao longo da história, ora silenciados ora arquivados pelas instituições.

Tendo em vista que o *Arquivão Nikity* tem como motivação teórica a Análise de Discurso materialista, procuramos pensar discursivamente o espaço urbano em sua relação com a historicidade no meio digital, aqui, mais especificamente, através das noções de memória discursiva e arquivo, mobilizando-as para a compreensão das condições de produção específicas deste espaço de mídia e também para a reflexão do processo de leitura e aprendizado no âmbito da Educação Básica, de nível fundamental II. Hoje a *internet* coloca-se como uma experiência característica à realidade dos jovens, de modo que os processos de subjetivação de constituem esses indivíduos são atravessados pelo discurso digital. No domínio das diretrizes educacionais, a BNCC é um exemplo de como o digital pode ser compreendido como uma nova realidade que se impõe e que necessita ser significada no âmbito das instituições educacionais:

Mobilizar práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais (Brasil, 2017).

Propomos que, na construção de um arquivo digital, há elementos específicos desta materialidade que são determinantes para a produção de saberes, para a recuperação e a reescritura de uma memória discursiva sobre a cidade. Aqui a tecnologia terá um potencial de estimular novas possibilidades de interpretação em relação aos caminhos, ruas, pontos de referências, prédios, já conhecidos, propondo uma reflexão mais profunda e crítica a respeito das histórias e saberes que envolvem a cidade. O *Arquivão Nikity* convida, assim, o seu usuário, o aluno de Ensino Fundamental II, a construir uma nova perspectiva sobre o espaço urbano e sobre as diferentes relações sociais que se desenvolvem nesse espaço.

Para Eni Orlandi, viver em uma cidade implica uma filiação de sentidos à memória do que é a organização em um espaço urbano. Trata-se, além disso, de um espaço de interpretação, um espaço significativo, cujos sentidos e sujeitos são produzidos nessa memória. A materialidade urbana demanda interpretação. Os gestos de interpretação sobre a cidade, seriam, além disso, gestos que atuam na produção de memória tem o potencial de transformação não só do espaço, mas também dos seus habitantes (Orlandi, 2017, p. 205). A experiência de transitar pelo espaço urbano já suscita por si só diversos gestos de interpretação.

Entretanto, é preciso reconhecer que há um certo direcionamento nos processos de interpretação devido à institucionalização da memória por parte da administração urbana, como acontece, por exemplo, no contexto escolar urbano, em que certos saberes são contemplados como os saberes a serem apreendidos na escola, como os acervos de museus, bibliotecas e centros culturais. Entendemos, conforme aponta Eni Orlandi, que “A materialidade simbólica da cidade é contida pela urbanização” (Orlandi, 1998, p. 4). E, no caso específico do público-alvo do Arquivão Nikity, a materialidade simbólica é contida pela urbanização no contexto da escolarização. Este fato está relacionado, quando pensamos os objetivos e embasamento teórico do projeto, necessariamente, à própria concepção de arquivo, que é definida por Pêcheux ([1982] 1994, p. 56) como “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”, considerando então a existência incontornável de um recorte que direciona a própria construção do arquivo.

A definição proposta por Pêcheux instiga a reflexão sobre o que pode ser considerado “pertinente” e “disponível”. Essa definição de arquivo parece ir ao encontro da noção de memória institucional, produzida pela administração pública por meio de uma interdição de sentidos que não pode dar conta do Real da cidade. Assim, pensemos na seguinte questão: um arquivo deve, necessariamente, ser constituído por documentos que pertençam à ordem do evidente, isto é, os saberes e dizeres que compõem o arquivo devem ser sempre aqueles “já” disponíveis e “já” pertinentes, ou se torna possível a construção de um arquivo que, de alguma forma, contemple também os documentos cuja relevância não tenha sido já captura (ou contida) pela institucionalização? O projeto *Arquivão Nikity* propõe uma amplitude e abertura do sentido de “documentos” que podem compor o arquivo.

As escolas - e também as bibliotecas, os museus, os acervos, entre outros espaços - atua, como instituições organizadoras dos saberes produzidos socialmente, selecionando e preservando todo aquele conhecimento que se toma como fundamental. De forma muito semelhante funciona também o celular, que acumula os conhecimentos produzidos e disponíveis ao saber. Ambos os funcionamentos são pensados, na perspectiva do projeto, como meios de garantir a circulação dos saberes institucionalizados a respeito da cidade e também os saberes produzidos no Real da cidade, isto é, aqueles saberes produzidos no âmbito da diferença que as instituições não podem conter. Assim, partimos do pressuposto de que, conforme afirma Pêcheux, “Um corpus de arquivo textual não é um ‘banco de dados’” (Pêcheux, [1981] 2011), isto é, pensar o arquivo demanda pensar também a sua não transparência e não completude. É nesse sentido que podemos dizer, conforme Nunes (2005) que “O material de arquivo está sujeito à interpretação”. Tanto no

sentido de sua constituição, a partir de como a cidade se mostra ao analista, como no momento em que o usuário do aplicativo entra em contato com as textualidades apresentadas, produzindo um gesto de interpretação.

Nesse sentido, uma das metas definidas, no âmbito do projeto *Arquivão Nikity*, consiste em pensar uma ampliação naquilo que se entende normalmente como “documentos pertinentes e disponíveis”, ao lidar com os sentidos que se produzem e circulam sobre a cidade e o sujeito urbano, sobretudo quando se trata do discurso digital, que apresenta formas específicas de formulação e circulação. Pensar o digital será, aqui, umas das dimensões teóricas fundamentais à construção do arquivo, uma vez que o digital tem a sua materialidade própria e não pode ser considerado apenas um reflexo do que seria uma materialidade real e não virtual.

A dimensão digital atravessa e, muitas vezes, compõe de forma significativa a vivência dos jovens, alunos do Ensino Fundamental II, que encontram na internet e redes sociais novas formas de sociabilidade, muitas vezes consideradas por eles até mais interessantes. Isso aponta para a necessidade de repensar a forma como se dá a constituição da cidade enquanto espaço de significação, cabendo também e perguntarmos quais são, de fato, os espaços de socialização para esses alunos. O atravessamento da produção de sentidos sobre a cidade pela linguagem digital não será pensada aqui como um meio que reflete os sentidos produzidos no cotidiano das interações reais, afinal, o digital apresenta um funcionamento específico, que, muitas vezes, está ligado a um fechamento ou direcionamento de sentidos, evidenciado na formação das denominadas bolhas digitais. O virtual é, compreendemos, constitutivo dos saberes sobre a cidade e, portanto, dos sujeitos cidadãos.

Tendo em vista as considerações teóricas e as motivações apresentadas, reproduzimos a seguir uma das textualidades produzidas no âmbito do projeto *Arquivão Nikity*, tomada como exemplar dos textos virão a compor o arquivo do aplicativo. Vejamos:

Sequência discursiva 1 - ponto de georreferenciação “Maquinho”

Linguístico-Histórico: Sabemos que Icarai é um dos bairros mais ‘ricos’ da cidade, com seus prédios enormes, e a sua orla à la Copacabana... Perceba existência nas encostas de outros tipos de moradia. São as mesmas que você percebe no ‘asfalto’? Em uma mesma região, essas casas se destoam! Por que? O Morro do Palácio é onde fica o Maquinho, veremos que ele foi criado com um outro propósito...

Fisiológico-Ambiental: Podemos comparar a arquitetura do Maquinho ao MAC, mas a discrepância entre suas estruturas nem se fala! A estrutura projetada por Niemeyer corre risco de desabamento com fortes chuvas, levando diversas casas consigo.

Artístico: Esse foi um prédio construído na comunidade do Palácio. A sua ideia era de aproximar a comunidade e trazer arte e cultura para esses lugares. Lá tem um cinema comunitário e uma sala de informática, sempre com um instrutor de plantão; sala de jogos, estúdio de gravação e uma sala multiuso para cursos. Por que houve, então, a necessidade de criar um outro somente para esse público? Podemos pensar sobre?

Discursivo-ideológico: Puxa! Por que motivo pensaram ser necessário construir o Maquinho? É importante pensarmos no acesso e na inclusão de pessoas marginalizadas à arte. Afinal, por que não construíram o MAC original na comunidade?

Natural-Social: Já interditado no passado pelo risco de desabar, o Maquinho foi construído na beira de uma encosta que ocasionalmente apresenta perigos quando chove. Às vezes, contornar os desafios impostos pela natureza requer mais atenção, e contenções precisam ser construídas para proteger os humanos e suas construções.

Físico-Matemático: Localizado de frente para o Museu de Artes Modernas (MAC), o Maquinho segue seu estilo arquitetônico: As mesmas paredes de concreto armado e grandes janelas estão presentes em sua construção, seguindo o estilo Moderno e contrastando com as construções de tijolos da comunidade em que se insere.

As textualidades que compõem as informações sobre os pontos georreferenciados no aplicativo são constituídas de seis diferentes níveis. Cada nível procura abordar um determinado campo do conhecimento, de forma integrada aos demais níveis. A proposta é que os níveis tenham se relacionem com as disciplinas escolares, tais como língua portuguesa, história, ciências e matemática. Dois aspectos fundamentais que atravessam os direcionamentos da escrita das textualidades são a recuperação da dimensão histórica, conceito fortemente presente na Análise de Discurso quando pensamos a memória discursiva, e a tentativa de apontar um outro olhar sobre o já conhecido, o que entendemos como uma ruptura com os sentidos dominantes.

Para dar conta do primeiro aspecto, a escrita das textualidades toma como base a pesquisa histórica e a retomada das condições materiais históricas e ideológicas que vieram a compor os sentidos já dados dos pontos georreferenciados. Vejamos, por exemplo, como se dá a textualização dos níveis “linguístico-histórico” e “artístico”, respectivamente. O primeiro nível, “linguístico-histórico”, parte de um sentido já dado a respeito do bairro de Icarai e a da observação de sua composição geográfica. Trata-se de um olhar material a respeito do sentido de “riqueza” atribuído ao bairro onde se localiza o ponto georreferenciado. O nível “artístico” complementa este gesto de interpretação historicizando o ponto georreferenciado e relacionando sua função social à materialidade urbana.

Porém o gesto de interpretação não se encerra, como pretendemos demonstrar, no movimento de historicizar. O segundo movimento realizado na escrita das textualidades tem como objetivo proporcionar ao estudante um olhar diferenciado sobre o Real da cidade. É nesse sentido que é possível levantar questionamentos tais como “por que esta realidade material é tal como é?”. Nesse mesmo ponto georreferenciado, ao pensarmos o nível artístico, a realidade da segregação se impõe na análise das ações urbanas, isto é, questiona-se a existência de dois espaços culturais separados e destinados a públicos diferentes em uma mesma região. Os sentidos de uma cidade cindida se materializam aqui na forma de espaços públicos culturais que cumprem uma determinada função - a de levar cultura e cidadania - mas que ao mesmo tempo separam os sujeitos urbanos fisicamente.



Observar e textualizar o funcionamento dos sentidos construídos sobre/ na cidade é, assim, construir um acervo a respeito das histórias e saberes que a constituem e, ao mesmo tempo, pensar novas formas de olhar para os sentidos já dados. É a partir do gesto de leitura e movimentos de escrita apresentados que o projeto *Arquivão Nikity* pretende contribuir para a formação desses alunos como cidadãos, proporcionando e construindo essas vivências como uma experiência no digital. O nosso objetivo é, nesse sentido, refletir acerca do modo como as condições de produção na dimensão digital do discurso se relacionam ao funcionamento da memória discursiva sobre a cidade no *Arquivão Nikity* e aos jovens em formação escolar no contexto urbano.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 1 dez. 2023.
- FREITAS, R. A. **Instrumentação linguística em rede**: análise discursiva de dicionários online. Tese (Doutorado em Estudos de Linguagem), UFF, Niterói, 2020.
- ORLANDI, E. **A linguagem e seu funcionamento**: As formas do discurso. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996
- ORLANDI, E. **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.
- PÊCHEUX, M. [1983] **O discurso**: estrutura ou acontecimento. 4. ed. Trad. E. Orlandi. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, M. [1975] **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 4. ed. Trad. E. Orlandi *et al.* Campinas: Editora da Unicamp, 2009.
- PÊCHEUX, M. [1982] **Ler o arquivo hoje**. Trad. M. das G. L. M. do Amaral. *In*: ORLANDI, E. **Gestos de leitura**. Campina. Editora da Unicamp, 1994.